

PROJETO: INCERTEZAS CRÍTICAS

DURAÇÃO: 26 MINUTOS

PERSONAGEM: MICHEL MAFFESOLI

BIOGRAFIA: Michel Maffesoli é professor da Sorbonne e estudioso de questões cotidianas.

INT. CASA DO MAFFESOLI / DIA

BLOCO 1

NARRADOR

O sociólogo francês Michel Maffesoli é professor da Sorbonne, do Instituto Universitário da França e diretor do Centro de Estudos sobre Questões do Cotidiano. Autor de diversos livros, neste bloco ele fala do Brasil, do manguebeat e da relação entre pós-modernidade e crise.

MAFFESOLI

Muitas vezes reduzimos a crise à sua dimensão econômica, ou sua dimensão financeira, enquanto eu diria, que há uma vasta mutação, de fundo, eu chamaria isso de uma crise societária. Um tsunami, se eu puder dizer, que está de alguma forma, mudando todos os grandes valores que marcaram a modernidade. Então, só antes de responder sobre o fundo, eu diria que em grego, a palavra Crisis, quer dizer um julgamento, que é feito sobre aquilo que está nascendo, sobre aquilo que está acabando, caindo.

VINHETA DE ABERTURA

VINHETA: “Vivemos uma crise econômica ou crise da modernidade?”

Então, sim, se entendemos a crise como sendo um julgamento tudo bem, mas não reduzamos a crise à sua dimensão econômica. Então, em relação à segunda parte da sua pergunta, realmente é uma verdadeira mutação, em relação aos grandes valores que marcaram os tempos modernos, a modernidade, ou seja, o racionalismo, o progresso, e o trabalho. Aí está o tripé que dos séculos 17, 18 e 19 e até a metade do século 20 foram os grandes valores modernos, a modernidade. Eu acho que são estes valores que estão agora em crise, em gestação e eu sou daqueles que refletem sobre a pós-modernidade. Eu publiquei um pequeno livro, que saiu também no Brasil, que chama Apocalipse , no Brasil foi publicado com a ideia de saturação, ou seja, os valores modernos se saturam e outros valores nascem. Então ao invés do trabalho, eu diria que está na moda a ideia de criação, ao invés de racionalismo, me parece que há uma volta da imaginação, das imagens, e ao invés do progresso, e do progressismo, há alguma coisa que eu chamo de Ecosofia, um outro sentimento da natureza, uma outra relação, que já não é a relação de dominação, em relação ao mundo, que tinha marcado a modernidade, mas uma relação de parceria, partnerschaft, entre a natureza e a cultura. Aí está para mim, de que modo podemos entender a crise, eu resumo, não apenas econômica, um tsunami societário, alguma

FOTO: Capa do livro "Apocalipse"

que faz com que tenha uma saturação nas maneiras de ser e de pensar e ao mesmo tempo a emergência de outra coisa. Então é por isso que para mim a pós-modernidade, não é uma concepção catastrófica, nem catastrofista, é ao contrário, o nascimento, o renascimento, um pouco como houve o Renascimento no quatrocento italiano, agora há um renascimento de algo novo e bem entusiasmante e que é particularmente trazido pelas jovens gerações. Tanto as gerações velhas, a minha, estão globalmente com valores modernos: instituição, educação, diversidade, o político. Tudo isto está realmente em desuso, é realmente algo que representa o século 19, tanto, estou, eu mesmo muito fascinado pela vitalidade das jovens gerações que representam, elas mesmas, estes valores pós-modernos que eu disse. Pronto.

O que quer dizer a saturação? Em química a saturação é quando as diversas moléculas, as diversas partes que vão compor um corpo, por uso, por cansaço, vão divorciar. Há uma desconstrução. O corpo não funciona mais. Bom, mas ao mesmo tempo, estas mesmas moléculas, estes mesmos elementos de base recompõem um outro corpo, uma outra maneira de ser, então aí está para mim, saturação dos valores modernos, mas a partir daí, se reconstrói uma outra maneira.

VINHETA: “Saturação da modernidade”

Tomemos o primeiro termo, trabalho, o trabalho era o grande imperativo categórico da modernidade, Immanuel Kant diz que é o imperativo por excelência. Cada indivíduo só se realiza se ele trabalha. Vemos bem no fundo como, meu amigo Jean Baudrillard, tinha mostrado como de uma certa maneira, era o trabalho que tinha sido o pivot da economia, o que ele chamava O espelho da produção, etc. bom, vemos bem como o trabalho era o valor essencial, que era ensinado na escola, que era ensinado nas diversas instituições, etc. Eu acho que há uma saturação do trabalho e do valor de trabalho, mas ao mesmo tempo, vemos voltar o que eu chamei da criação. Então a criação, quer dizer que é claro que há uma maneira de agir sobre o seu ambiente, é isso o trabalho, não é? Agir sobre o seu ambiente mas é agir no ambiente, não apenas de uma maneira reduzida, como era o trabalho, mas integrando elementos como o sonho, o jogo, a festa, estes parâmetros humanos que são integrados na criação. Aí está o que eu chamo de saturação. A mutação, e isto a criação, a mutação do trabalho em direção da criação.

Poderíamos fazer a mesma coisa com o progresso. O progresso era a fé no futuro, ou seja o futuro que canta, a sociedade perfeita, ordem e progresso, como dizem no Brasil, então vemos bem, de certa forma, como temos aí este valor, que era o

FOTO: Still do filme “Tempos Modernos”

FOTO: Pintura de Immanuel Kant

FOTO: Jean Baudrillard

FOTO: Capa do livro “O Espelho da Produção”

FOTO: Balada em Ibiza

FOTO: Outra balada

progressista, dominávamos o mundo graças ao progresso. Bom, então eu acho que há saturação deste mito do progresso, os desastres ecológicos mostram bem isso, mostram que de certa maneira não podemos continuar acabando com o planeta, mas ao mesmo tempo não podemos voltar para trás. Não é uma regressão que é preciso fazer. Então eu digo saturação do progressismo, se eu for fiel ao meutermo, em francês eu digo que então há progressividade. A progressividade quer dizer integrar o fato que não podemos abrir mão do desenvolvimento tecnológico, é claro, mas que ao lado deste desenvolvimento tecnológico, há atenção voltada aos aspectos que eu chamaria de encantamento do mundo, vamos estar atentos, o que eu chamo de Ecosofia, vamos estar atentos a não explorar, dominar simplesmente a natureza, mas eu dizia há pouco, ter uma relação de reversibilidade, feed-back. Então pronto, saturação do progresso, do mito do progresso, integração da técnica, e do espiritual, é isso a progressividade. O terceiro ele,então, eu disse o racionalismo, que foi a grande marca da modernidade, ou seja tudo deve dar suas razões, tudo está submetido à razão, vemos bem como os séculos 18, 19, etc. Eu acho que há saturação deste racionalismo. O que não quer dizer que haja negação da razão. Eu propus, eu escrevi um livro, que também

foi traduzido no Brasil, que chama A razão Sensível, quer dizer, como vamos de algum modo completar a razão, com os sentidos, os humores, a integridade do ser. Aí vocês conseguem ver como eu falo desta mutação, ou seja a saturação não é a ruptura é a recomposição com os elementos antigos, mas que eu completo, que eu enriqueço. Um pouco como quando quando olhamos a arquitetura, sei lá, Paris, Roma, vemos bem como é a partir dos circos, a partir dos templos romanos que vão fazer igrejas, vão reconstruir coisas, mas a partiras pedras antigas. Eu diria que a passagem da modernidade, à pós-modernidade, é igual, eu pego as pedras antigas e eu as enriqueço, as completo.

O Brasil me parece ser o laboratório da pós-modernidade, assim como a Europa, e como a França foram o laboratório da modernidade. Inclusive era esta a frase inteira, nos séculos 18 e 19, a Europa e a França em particular, foram o laboratório onde foi criado o racionalismo, a importância do trabalho, do progresso, Auguste acomete, etc. Então como houve estes laboratórios, atualmente isto se deslocou, e deste ponto de vista o Brasil me parece ser um dos elementos deste laboratório, e por que? Porque existe o culto do corpo, porque há algo que coloca a ênfase sobre o presente. Elementos assim, que no fundo é onde se prevê a cozinha do que está em gestação. E era

FOTO: Capa do livro "Elogio da Razão Sensível"

VINHETA: "Brasil"

FOTO: Pintura de Augusto Comte

uma intuição, era me disseram, uma brincadeira, sim era uma frase assim, mas eu mantenho. Eu acho que mais e mais vemos isso, com um pequeno problema, uma pequena nuance, é que eu não estou certo, que os intelectuais brasileiros, estejam conscientes disto. Eu me pergunto se de certa maneira, muitos dos meus colegas, filósofos, sociólogos, etc, brasileiros, ficam eles mesmo com valores modernos. O povo vive valores pós-modernos, mas a elite brasileira, se mantém, em minha opinião em valores modernos. Mas, vocês entenderam que para mim o que é essencial é o povo, o que é essencial é o que está no cotidiano, é o que vivemos, e eu falei há pouco, e em particular as jovens gerações vão ser portadoras destes valores. Dito isto, para mim não é apenas o Brasil, eu considero que podemos encontrar, eu vou muitas vezes ao Japão, e para a Coreia, e eu acho também que temos aí um outro pólo da pós-modernidade. Algo que faz que... Eu conheço bem a Coreia e o Japão, mas talvez a gente possa ver isto em outros países do extremo oriente. Eu acho que também são lugares onde há um laboratório da pós-modernidade. O que resumiria esta ideia, que eu repito que encontramos no Brasil, e também na Coreia ou no Japão, é uma das minhas ideias sobre a pós-modernidade, que é a sinergia do arcaico e do desenvolvimento tecnológico. Então o que quer dizer isso?

FOTO: Diversas fotos de Tóquio

Quer dizer internet, e as tribos, quer dizer o Candomblé e a internet, se eu puder dizer isso. arcaico quer dizer, Arché em grego quer dizer estas coisas velhas. Arché quer dizer o fundamento, o que é primeiro. E vemos voltarem estas ideias arcaicas, em sinergia com a tela, com a internet, com MySpace, SecondLife,, Twitter, etc. No fundo, como o desenvolvimento tecnológico conforta a comunidade, conforta o desejo de conversar com o outro, das trocas, do compartilhamento. E eu acho que sob este ponto de vista, o Brasil é um lugar, um laboratório, vemos bem como... eu faço de propósito de dizer o Candomblé mais a internet, ou seja existem estes velhos cultos de possessão afro-brasileiros, que poderíamos considerar como passados, enquanto eles são importantes, na vida e na religiosidade popular, e ao mesmo tempo há um desenvolvimento tecnológico que é real. É isto a sinergia. Aí está porque, eu acho que é um laboratório, enquanto, sejamos claros, o que havia marcado fortemente a Europa, na modernidade, era uma separação entre a técnica e a religião sob suas múltiplas formas, a dicotomia, a separação. E quando eu digo sinergia, é esta conjuntura, aí está porque, tanto a técnica no século 19 havia desencantado o mundo, tanto hoje o desenvolvimento tecnológico participa do reencantamento do mundo, e vemos bem este reencantamento do mundo no Brasil. Aí

Sim, é um dos meus temas, o reencantamento. Eu acho que eu faço de propósito de pegar o oposto do que dizia o Max Weber que era um economista e sociólogo alemão, e que tinha falado do desencantamento do mundo para a modernidade, pelo viés da razão e do desenvolvimento tecnológico. E fazendo a conjunção entre a razão e o sensível, entre a tribo e a internet eu me mostro que há isto, que há este reencantamento. Apenas para a memória, se lembrar, sabemos que atualmente 70% da navegação na internet se liga aos fóruns de discussão religiosa, festivas, erótica, pornográfica, 70% não é nada menos do que funcional. Então é bastante interessante ver como de certa maneira, este desenvolvimento tecnológico, recoloca em jogo o que eu chamo estes velhos arcaísmos. Dito isto, é claro que este reencantamento, você tem razão, não é redutível, unicamente à internet, vemos isto na festa. E aí outra vez o Brasil tem um papel importante, você vê, o festivo, é claro que sempre houve festivo, mas o festivo está ao lado, era marginal, em francês era o 1% cultural, de lado. Enquanto vemos agora como há uma contaminação do festivo em todos os campos. Uma das minhas estudantes brasileiras, que é de fortaleza, havia feito uma tese muito bonita sobre o Mangabite, ou seja a música que remetia à terra, à lama, mostrando justamente como tinha nisso uma ligação entre esta velha

FOTO: Max Weber

FOTO: Capa do álbum "Afrociberdélia"

estrutura da música de origem afro-brasileira, mais os raios lasers, outra vez um uso forçado da tecnologia. Poderíamos encontrar muitos elementos, mas eu acho que o desenvolvimento do festivo, da festa, é algo importante, que participa deste reencantamento e aí vemos bem como o Brasil tem este elemento de maneira importante.

ENTRA VINHETA PRO COMERCIAL

BLOCO 2:

NARRADOR

Nesse bloco, o sociólogo Michel Maffesoli fala do futuro da educação, do fenômeno Harry Potter, das raves de Ibiza e da importância de se estudar o cotidiano.

MAFFESOLI

Minha hipótese originária, e original, era de dizer, que em geral a sociologia, a antropologia, a filosofia, etc, ou as ciências políticas, se interessavam unicamente pelas instituições, ou seja a sociologia do trabalho, a sociologia da família, a sociologia política, etc, etc. Quer dizer, as grandes máquinas, ou maquinarias modernas. E o que era a minha hipótese, era dizer que não, que a cultura, a vida vêm de baixo, vêm do que vivemos cotidianamente, das banalidades. É um pouco difícil de explicar, mas em francês, em vários vilarejos franceses existe o forno banal, era um forno coletivo no qual se fazia o pão da comunidade, o pão do vilarejo. E a palavra "banal" era, hoje em dia a banalidade é aquilo que não é nada, enquanto era justamente a cultura cotidiana, a cultura da comunidade. Pra mim, a partir desta referência histórica, eu tento mostrar, que é na vida cotidiana, e a vida cotidiana é comer, morar, se vestir, isto é a verdadeira cultura. E que no fundo é este compartilhamento destes elementos de base, fundamentais, que faz que exista o viver junto, que exista a sociedade, que exista o estar junto, etc.

ENTRA VINHETA DE RETORNO

VINHETA: "Estudar o cotidiano"

Então, é por isso que eu considerava na época, e eu continuo, que é dos assuntos do cotidiano, que são importantes para entender a pós-modernidade e não apenas as grandes instituições. Em francês eu posso dizer não é o que está instituído, mas o que é instituinte, o que cresce, acontece, o que acontece, e para o que é preciso estar atento, então mais uma vez a tudo o que, em geral, os meus caros colegas sociólogos, um pouco ultrapassados, consideravam como frívolo, secundários, estético, com pouco interesse, eu digo não. Quando nada é importante, é isto que tem importância, quando as coisas não vão bem em algum lugar, mas quando é o viver junto para viver junto. Aí está o que eu chamo de cotidiano. Um dos grandes pensadores sociólogos, que eu citei há pouco, Max Weber, dizia que é preciso estar à altura do cotidiano. Estar à altura do cotidiano é um paradoxo, mas eu acho que é preciso estar à altura do cotidiano, e isto é um problema porque temos muita dificuldade, na universidade, de impor esta ideia. Mesmo em uma perspectiva marxista se critica o cotidiano, em uma perspectiva funcionalista se critica o cotidiano, é o lugar onde há alienação, etc. Eu digo, é aí onde há uma afirmação da existência, a vida talvez não valha nada, mas nada vale a vida. Então queremos viver, bem ou mal, é na vida cotidiana que isto se expressa, aí está porque eu considero ser uma questão epistemológica e que é uma luta, que eu assumi teoricamente durante trinta anos, para

impulsar uma série de pesquisas. Houve no meu centro 160 teses que foram feitas há 30 anos sobre assuntos, que eram considerados como frívolos. Comer, o sexo, a televisão, as imagens, etc e eu digo, é aí que se dá a vida real. Aí está o que eu chamo de cotidiano.

Estou vendo que você conhece bem os meus assuntos. Porque isto é exatamente, muitas vezes o que eu digo, ou seja que a modernidade é a verticalidade, é o poder, e que para mim a pós-modernidade é a horizontalidade. E que para voltar mais uma vez para a internet, os fenômenos wiki, em suas diversas formas, Wikipedia, Wikileaks, etc, são algo que não está mais na lógica da verticalidade, mas que faz com que haja um compartilhamento do saber. Um saber coletivo. Edgar Morin diria uma No-sphere. Então no fundo, é claro que não podemos continuar a manter a ideia de educação. A ideia de educação repousa na ideia de um professor que sabe. Eu sei e você não sabe e DUKAI (INAUDÍVEL) eu vou te puxar. Então tem esta ideia de certa maneira de puxar a criancinha que é uma bárbara em direção à civilidade, de puxar está criancinha que é um animal, em direção à humanidade. Esta é a grande filosofia da educação desde Jean-Jacques Rousseau. E o Jean-Jacques Rousseau, que coloca esta grande ideia de, eu digo Jean-Jacques Rousseau, mas é a filosofia do Iluminismo, toda a educação na França, a educação nacional, quer dizer Jules Ferry no final

VINHETA: “Educação vertical, iniciação horizontal”

“

FOTO: Pintura de Rousseau

do século 19 e vai ser o modelo da educação. Enquanto que o desenvolvimento tecnológico está, eu acho que há atualmente o retorno da iniciação, e tanto a modernidade repousa sobre a ideia de educação, tanto, em minha opinião, a pós-modernidade vai colocar a ênfase na ideia de iniciação. A iniciação quer dizer o que? Quer dizer que há aí algo, alguma coisa que eu vou acompanhar, em inglês é o coaching. Mas no fundo é um processo de acompanhamento, não mais a verticalidade da lei do pai, mas o que eu disse, a horizontalidade da lei dos irmãos. E esta passagem da lei dos pais para a lei dos irmãos. Da lei do pai para a lei dos irmãos é o que é a passagem da educação à iniciação. E então de uma forma não apenas anedótica, mesmo se o que eu disse sobre isso é um pouco provocador, eu mantenho, quando uma forma social não é mais pertinente ela vira perversa e é por isso que não é de se espantar que a pedagogia acabe em pedofilia atualmente. De fato há pedofilia no ar, se é que eu posso dizer isso. Mas é a forma perversa, de uma forma que funcionou e que não é mais pertinente e que vira perversa. Bom, e é neste momentos em que é preciso voltar à segunda forma de socialização, que é a iniciação, ou seja, a iniciação é o compartilhamento, é algo que faz com que não vamos apenas ficar com uma visão racional, mas uma forma, que vai integrar os sentidos, etc.

O exemplo mais típico para mim, e eu me expliquei no meu livro Iconologia, no qual eu tenho um capítulo consagrado ao Harry Potter, e existe em Harry Potter algo que é iniciático, e o sucesso de Harry Potter, os filmes, eu li os livros, eu vi todos os filmes, e eu acho que a estrutura essencial é iniciação. Quer dizer, nesta escola de Hogwarts, a escola dos bruxos, no fundo não é mais apenas o sistema educativo, mas um sistema no qual, o que é a iniciação? São as provas, é o fato que eu tenho em mim sombra, mal e que eu vou viver este mal, sem querer simplesmente ultrapassá-lo. Por exemplo, o exemplo de Harry Potter é um bom exemplo, mas eu penso também como, vemos nas tribos pós-modernas, como nas tribos urbanas, existe iniciação. Eu dou um exemplo, um dos meus alunos fez uma tese sobre Ibiza e as baladas, então música eletrônica, há muita pesquisa sobre música eletrônica no meu centro, e então ele mostra como nestas baladas de Ibiza, enquanto há barulho, música, música eletrônica, 240 batimentos por minuto. Bom, não dá pra se falar, mas ele mostra bem como um grupo sente, sabe quando alguém, um jovem vai tomar uma droga pela primeira vez, então não vão proibir o fato que se tome tal produto, mas ele mostra como vão acompanhar, vão evitar que se torne uma atitude mortal, suicida, aí está a iniciação. Quer dizer, mesmo neste caso paroxístico, quer dizer consumir produtos, drogas, ecstasy, ou outro, pouco importa a matéria, há um processo de acompanhamento para

FOTO: Capa do livro "Iconologia"

FOTO: Capa do livro "Harry Potter e a Pedra Filosofal"

FOTO: Still de um dos filmes do "Harry Potter"

FOTO: Dumbledore

FOTO: Balada em Ibiza

FOTO: Balada

evitar mais uma vez que este consumo de produto vire perigoso, etc. Aí está um exemplo de iniciação, e eu dou estes dois exemplos, Harry Potter e as baladas de Ibiza, mas poderíamos encontrar diversos outros processos. Para mim, eu repito a educação, ou a pedagogia é a mesma coisa, está ultrapassada, e por outro lado existe o ressurgimento da segunda forma de socialização que é a iniciação.

ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO